

Confirmação

Na Igreja antiga, durante a Vigília Pascal, os adultos eram batizados depois de um longo período de catequese chamado de catecumenato. Durante essa Vigília, após serem batizados, eram revestidos de branco e dirigiam-se em procissão para a Igreja, onde o bispo os esperava para ungirlos com o óleo do crisma. A Crisma estava estreitamente ligada ao Batismo. Essa conexão exprime a unidade do mistério pascal, a relação entre a missão do Filho que se realiza na redenção pela cruz, amplamente significada no mergulho batismal e a efusão do Espírito Santo dada pela unção com o óleo e a imposição de mãos.¹

Hoje, quando se batiza um adulto, imediatamente se deve crismá-lo, até mesmo quando a celebração é presidida por um padre, pois este tem licença para isto, se o bispo não pôde estar presente.² Na celebração da Crisma, os jovens renovam as promessas do batismo. Nas Igrejas Orientais, numa única celebração, sempre aquele que batiza também crisma mesmo se tratando de crianças.

Sinal sacramental

O sinal principal da Confirmação é a assinalação da cruz com o óleo do crisma, ao que o bispo diz: “Recebe por este sinal o Espírito Santo, dom de Deus”. Esse sinal associa o crismando ao mistério da cruz de Cristo, para que pela força do Espírito Santo vença os sofrimentos e seja sempre fiel ao projeto de Deus em sua vida.

Óleo do crisma

Como sinal de consagração, o óleo está sempre associado à ação do Espírito Santo, que elege uma pessoa para uma missão. Tal como o óleo derramado, o Espírito penetra em seu interior cumulando-o com seus dons e imprimindo definitivamente a sua marca. Portanto, ser ungido significa eleição divina. “Samuel tomou um pequeno frasco de azeite, derramou-o sobre a cabeça de Saul e beijou-o, dizendo: ‘Com isto o Senhor te ungiu como príncipe do seu povo, Israel’.” (1Sm 10,1).

¹ Cf. *Ritual de iniciação cristã de adultos*, n. 34.

² “O batismo dos adultos, pelo menos daqueles que completaram catorze anos, seja comunicado ao bispo diocesano, a fim de ser por ele mesmo administrado, se o julgar conveniente” (Código de Direito Canônico, cân. 863) e, na impossibilidade do bispo, “a Confirmação poderá ser conferida pelo Presbítero que ministrou o Batismo” (*Ritual de iniciação cristã de adultos*, n. 228).

Jesus é chamado Messias e Cristo, palavras que significam “ungido”, isto é, consagrado como eterno rei e sacerdote. Jesus é ungido, não por mãos humanas, mas diretamente pelo Pai, assim como nos mostra a cena do seu batismo no Jordão.

Imposição de mãos

Além da crismação, impõem-se as mãos na Confirmação, para exprimir o dom do Espírito. As palavras da oração especificam a graça que se invoca e se comunica sobre os crismandos. Este gesto não é essencial para a validade do rito, no entanto, devemos tê-la em grande consideração.³ O *Ritual da Confirmação*, n. 9, recomenda que se dê grande importância à imposição das mãos para a integridade do rito e mais perfeita compreensão do sacramento. A exortação que acompanha a imposição de mãos (n. 24) pede para que o Espírito Santo fortaleça os crismandos com seus dons, os consagre com sua unção espiritual e faça deles imagem perfeita de Jesus Cristo.

A Bíblia registra, abundantemente, o uso do gesto de impor as mãos sobre a cabeça de alguém ou sobre um objeto, e com sentidos variados: para significar a transmissão de poderes, a bênção, o perdão, ou a identificação.

A palavra hebraica “yad” significa ao mesmo tempo “mão” e “força”. Os patriarcas do Antigo Testamento impunham sobre os filhos ou sucessores as mãos em sinal de bênção e transmissão de poder. Jacó impõe as mãos sobre os seus netos para lhes desejar a bênção de Deus (cf. Gn 48,9-20), Aarão, sobre o povo (cf. Lv 9,22), e Moisés, sobre o seu sucessor Josué, para lhe transmitir a autoridade e a sabedoria divinas (cf. Dt 34,9). Os profetas impunham as mãos sobre os novos reis, dando-lhes a força de cumprirem sua missão.

Também Jesus abençoa, cura e perdoa com o gesto expressivo da imposição das mãos. Assim fez Jesus sobre os primeiros cristãos, no momento de sua ascensão ao céu, dando-lhes a força de propagar o evangelho por toda a terra (Lucas 24,50).

E a comunidade cristã utiliza este mesmo gesto para transmitir o Espírito Santo aos batizados: “Pedro e João impuseram-lhes as mãos e eles receberam o Espírito Santo” (At 8,17).

Fundamentação bíblica

O batismo de Cristo no Jordão (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22) nos mostra mais propriamente a unidade e correlação entre o Batismo e a Crisma. Jesus desce às águas não porque necessita do batismo, e sim para santificar as águas. Ocorre a manifestação trinitária, pois a nuvem

³ *Rito da Confirmação*, n. 3.

o envolve (manifestação do Pai), o Espírito pousa sobre o Messias. Jesus é o Messias que sobejamente possui o Espírito e, por isso, largamente o distribui. É ungido para levar a termo a missão para a qual o Pai o consagra para ser o Messias-servo (cf. Is 42,1; 49,3; 52,13).

Na ascensão aos céus, diz Jesus: “Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria e até os confins da terra” (At 1,8). Derramamento do Espírito Santo (confirmação) e testemunho aparecem sempre juntos. A confirmação se insere na constituição da Igreja como comunidade messiânica enviada ao mundo. Se pela confirmação nos unimos mais perfeitamente à Igreja, também nos associamos às tarefas eclesiais, à totalidade de sua missão, à evangelização e ao testemunho que a Igreja deve dar como sacramento de salvação do mundo.

“Em Atos 2,1-11, Lucas intencionalmente quis descrever a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos nos moldes da espantosa revelação de Deus no Monte Sinai, cinquenta dias após a libertação da escravidão do Egito, festejada pelos judeus como o Dia da Entrega da Lei Mosaica.

Alforriados da opressão dos Faraós, os israelitas andaram por cinquenta dias no deserto; como que cansados pela longa caminhada, eis que eles se encontraram no sopé da altíssima Montanha do Sinai. Somente Moisés permanecia lá no topo do Sinai, em contato com Javé. Aí Deus se manifestou de uma forma terrificante através de trovões, vento impetuoso, fogo e estrondos. As doze tribos de Israel, temerosas e apavoradas, ficaram estacionadas nas cercanias da base da montanha, ouvindo a voz estridente de Javé.

Para um povo recém-formado, ainda adolescente e precisando de balizas morais em sua liberdade reconquistada, Deus, por intermédio de Moisés, emite e entrega os Dez Mandamentos e outras inúmeras prescrições, impostas de fora para dentro (cf. Ex. 19,16–20,1ss).

Entretanto, profetas posteriores, entreviram para os futuros tempos messiânicos uma Aliança Nova, que superasse e aperfeiçoasse a do Sinai: ‘Eu vos darei um coração novo e porei em vós um espírito novo. Removerei de vosso corpo o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito’ (Ez 36,26-27).

Esse coração de carne, terno e repleto de amor, esse Espírito de Deus, esse amor personificado, que é o Espírito Santo, essa chama divina, é que foi introjetada nos apóstolos no Pentecostes cristão, do qual o Pentecostes judaico foi apenas uma pálida ideia. Aquela chama entrou coração adentro e todos foram radicalmente transformados. Os apóstolos, antes medrosos, se tornaram corajosos e destemidos; antes incultos, se tornaram sábios; antes imperfeitos na fala, se tornaram eloquentes oradores.

Uma frase do evangelista Lucas retraça esse evento: ‘Todos ficaram cheios do Espírito Santo’ e, saindo, principalmente na liderança de Pedro, começaram a conclamar as pessoas para a conversão, em vista de elas receberem o Batismo e também o dom do Espírito Santo.

No Pentecostes cristão, não temos somente as doze tribos de Israel, o Povo Eleito; temos, em vez, o universo inteiro, representado pelos doze povos, vindos de todos os recantos do mundo então conhecido. No Pentecostes cristão não temos inúmeras leis, que pautem o comportamento humano; temos, em vez, a única Lei Fundamental do Amor, que sintetiza e abrange o proceder cristão, cada qual agindo, não por imposição externa, mas por espontânea floração do Espírito, que habita em nosso coração” (Guilherme Bellinato).

Efeitos da Crisma

A Confirmação expressa e supõe a força especial do Espírito para cumprir a missão profética de Cristo em meio ao mundo, para edificar em unidade a Igreja, Corpo de Cristo, e defender a verdade do Evangelho nas diversas situações da vida.⁴

A expressão confirmar deve pôr-se em relação com os dons do Espírito. O Espírito nos confirma com sua plenitude, porque ele é o dom pleno do final dos tempos. O dom da «fortaleza» ou a «força» deve ser entendida relacionada com os outros dons, expressão do mesmo Espírito. A compreensão do sacramento da confirmação deve ser buscada a partir do acontecimento a que faz referência: Pentecostes. O dom do Espírito edifica e constrói a Igreja na unidade. Igualmente, o Espírito sela/marca o confirmando e o compromete nas tarefas do Reino de Cristo e da Igreja.

No batismo e na Confirmação somos marcados por um gesto de unção com o óleo perfumado chamado crisma. As palavras “criso” e “crisma” têm a mesma raiz. É “criso” (sinônimo de Messias) aquele que recebeu a unção do óleo. Pela unção o batizado é “crisificado”, feito à imagem de Cristo, “Messias crucificado” (1Cor 1,23).

“Vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo. Ele, quando banhado no rio Jordão e comunicando às águas a força da Divindade, delas saiu e se produziu sobre ele a vinda substancial do Espírito Santo, pousando igual sobre igual. Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquela com que Cristo foi ungido (...) Na verdade, Cristo não foi ungido com óleo ou unguento material por um homem. Mas foi o Pai que, estabelecendo-o com antecedência como Salvador de todo

⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1303.

o universo, o ungiu com o Espírito Santo (...). Ele foi ungido com o óleo de alegria, por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo.”⁵

A unção crismal é o sinal de uma consagração, feita para expressar o selo de pertença total a Cristo e da promessa da proteção divina. É a marca do Espírito de Cristo para sempre, para que sejam testemunhas dele no meio do mundo.⁶

O sacramento da confirmação proporciona uma nova participação no dom pentecostal da Páscoa, dá-se um novo derramamento do Espírito. Este sacramento não acrescenta nenhuma graça diferente daquela recebida no batismo, por sua vez, a confirmação potencializa a graça recebida no batismo, torna o crismado mais perfeitamente configurado em Cristo. Com a nova consagração pelo Crisma, realiza-se um fortalecimento, um robustecimento, uma intensificação, uma plenitude da Graça para o crismado viver a maturidade da fé.

“A Confirmação imprime na alma uma marca espiritual indelével, o ‘caráter’, que é o sinal de que Jesus Cristo assinalou um cristão com o selo do seu Espírito, revestindo-o da força do alto para ser sua testemunha”.⁷

Viver como batizado-confirmado

A vida cristã é tida como o tempo do desafio, da encarnação no dia-a-dia da morte de Cristo para merecermos a vitória de sua Ressurreição, para corresponder com retidão de vida ao dom que o Pai nos deu. Viver esse amor-doação é a identidade do cristão. Este foi mergulhado na imensidão do amor de Cristo para servir e amar pela vida afora.

Assim, desde seu Batismo, o cristão aprende que viver em Cristo é amar sem limites, é doar-se a si mesmo em favor dos outros. Mesmo que isso resulte em sofrimentos, incompreensões e até perseguição, como aconteceu com Cristo.

A Confirmação, aperfeiçoamento e prolongamento do Batismo, faz os batizados avançarem pelo caminho da iniciação cristã, pelo dom do Espírito, que capacita o indivíduo a viver as exigências do caminho pascal, rememorado no sacrifício da Eucaristia. A Confirmação está orientada à participação plena na Eucaristia.

A configuração em Cristo, tida como transformação interior e para sempre, ocorrida na iniciação deve ir consolidando-se, aprofundando-se progressivamente pela participação na vida sacramental

⁵ CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*. Petrópolis, Vozes, 2004, pp. 37-38.

⁶ Cf. SCOUARNEC Michel, *Símbolos cristãos. Os sacramentos como gestos humanos*. São Paulo, Paulinas, 2004, pp. 52-53.

⁷ Idem, n. 1304.

da Igreja. Fica claro que a iniciação é um caminho de educação da fé, marcado pelos três sacramentos que abrem as portas da vida cristã.

O sacramento da **Confirmação** é como que o “pentecostes” do cristão batizado que o consagra permanentemente para a missão no seio do povo de Deus [...] Para um laicato consciente é de capital importância a convicção de ter sido marcado, com um caráter indelével, pelo selo do Espírito, enviado por Cristo de junto do Pai, e derramado sobre a sua Igreja, para permanecer com ela até o fim dos séculos.⁸

São os selos do batismo e o da crisma que permanecem com o cristão e o orienta pela vida afora, pois animado pelo Espírito Santo poderá responder sempre afirmativamente ao projeto de Cristo em sua vida. A iniciação marca os fundamentos de toda a vida como seguimento de Cristo; equivale a um projeto de vida e um modo de ver e se posicionar no mundo, segundo o projeto de Jesus Cristo. Supõe-se que o batizado vive a Páscoa de Cristo cada vez mais real e plenamente.

NUCAP – Núcleo de Catequese Paulinas

Livros indicados: GOEDERT, Valter Maurício. *Crisma: vigor de todos os carismas*. São Paulo, Paulinas, 2005.

AZEVEDO, Walter Ivan de. *Explicação do Creio e do Sacramento da Crisma*. São Paulo, Paulinas, 2012.

⁸ CNBB, *Missão e ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo, Paulinas, 1999, n. 157. Documentos da CNBB 62.